

Regional

Herança perdida na bela Itália

A imigrante Dona Betina, de 95 anos, tem direito a um imóvel na Itália, mas idade a fez desistir de viagem para receber o benefício

Nelson Gomes
COLATINA

Com 95 anos, a imigrante italiana Elizabetta Loss Vincenz Guerra, a Dona Betina, veio para o Brasil junto com a família aos 12 anos de idade.

Ela mora há cerca de 30 anos em Colatina, Noroeste do Estado, e como não conseguiu voltar à Itália, perdeu o direito a um imóvel que havia recebido como herança em sua terra natal.

As dificuldades financeiras ao longo dos anos fizeram com que Dona Betina não voltasse ao país de origem e, com isso, deixou de tomar posse do imóvel. A herança, uma moradia no segundo andar de um prédio na região de Caoria, foi deixada pela família dos pais de Dona Betina há cerca de 50 anos.

A imigrante contou que, quando a situação financeira melhorou, ela já estava em idade avançada. Por isso, preferiu não fazer a viagem. "Lamento muito, mas não tive condições de fazer a viagem naquele tempo", disse a imigrante.

A família de Dona Betina disse não saber o valor do imóvel. "A casa fica na zona rural e acreditamos que, mesmo que tivessem condições na época, os gastos com a viagem não compensariam", avaliou a filha de Dona Betina, Zenaide



DONA BETINA disse que situação financeira também a impediu de viajar

Guerra, 65.

Até hoje, a imigrante guarda na memória as lembranças das primeiras dificuldades enfrentadas pela família quando eles chegaram ao País. Uma delas foi a diferença de idioma. Mas enquanto ao longo dos anos seus parentes foram gradativamente aprendendo a se comunicar em português, Dona Betina resolveu estudar, por conta própria, o novo idioma.

"Ficava agoniada ouvindo os

“Lamento muito, mas não tive condições de fazer a viagem naquele tempo”

Dona Betina

brasileiros falar. Eu não entendia nada. Então fui atrás de livros de português e de pessoas que pudessem me auxiliar no aprendizado da língua. Em pouco tempo, acabei dominando o português”, recordou a imigrante.

Fascinada com o português, com o passar do tempo ela deixou a linguagem materna de lado. Hoje, diz que entende o italiano, mas não consegue se comunicar em sua língua de origem.

Apesar disso, Dona Betina continua “italianíssima”. Ela não se naturalizou brasileira.

“Não sei bem o motivo de não ter me naturalizado brasileira. No entanto, posso garantir que me sinto muito feliz no País que me acolheu junto com minha família”, disse.



IMÓVEL na Itália no qual a imigrante tem direito a uma das moradias

DEPOIMENTO

“A gente cantava e acabava virando uma festa”

“Lembro que quando eu, meus pais e meus irmãos viemos para o Brasil de navio a gente veio no porão, mas até que condições eram boas. Se abrissemos a escotilha quando o mar estivesse mais revolto a água atingiria nossos rostos. Eu era uma criança ainda e me divertia com aquilo tudo.

Foram 25 dias de viagem e, para passar o tempo, a gente cantava e tudo acabava virando uma festa.

Uma coisa engraçada que aconteceu depois que a gente chegou aqui (Estado), é que quando fomos almoçar pedimos macarrão e despejamos a farinha que estava no pote em cima da mesa pensando que era queijo parmesão. Tiramos o excesso de farinha e comemos macarrão de uma maneira que jamais imaginariamos”.

Elizabetta Loss, Dona Betina

FAMÍLIA de Dona Betina (no centro). Ela, os pais e os quatro irmãos vieram em um navio da Itália para o Brasil em 1927



Fé em Deus e sorriso cativante

Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo de mais de nove décadas de vida, a imigrante italiana Elizabetta Loss Vincenz Guerra, a Dona Betina, sempre manteve seu sorriso cativante. “Minha fé em Deus sempre me fez superar todas as dificuldades”, disse.

Senhorinha de sorriso fácil e cativante, Dona Betina contou que, por causa da guerra, conheceu o pai, Izidoro Loss, quando já tinha três anos de idade.

A felicidade de viver ao lado do pai foi interrompida quando ela completou 15 anos: três anos depois da família vir para o Brasil, o pai de Dona Betina morreu, em 1930, em decorrência de problemas no coração.

“Minha mãe sempre foi alegre e isso fez com que ela suportasse os revezes da vida”

Zenaide Guerra

Por causa disso, a jovem imigrante teve que trabalhar como empregada doméstica para melhorar o orçamento da família. Quando tinha 17 anos, ela conheceu seu grande amor, o produtor rural Pedro André Guerra, com quem casou um ano depois e teve oito filhos.

Uma das filhas, Zenaide Guerra,

hoje com 65 anos, lembra, com tristeza, que seu pai morreu seis meses antes de completar bodas de ouro – 50 anos de casado. “Minha mãe foi forte não só pelo apoio dos filhos, mas também por causa do meu irmão Pedro Alberto”.

Quando ainda era criança, Pedro Alberto perdeu a visão. Ele teve também problemas de saúde, o que o tornou totalmente dependente da mãe.

Sua filha Zenaide ainda acrescentou: “O sorriso de minha mãe encanta todas as pessoas. Ela sempre foi alegre e isso fez com que ela suportasse os revezes da vida”.

A outra filha, Maria da Penha Guerra Correa, 67, finalizou: “Esta italianinha é nossa paixão”.

Viagem em porão de navio

A imigrante italiana Elizabetta Loss Vincenz Guerra, a Dona Betina, veio para o País junto com a família aos 12 anos de idade, fugindo dos horrores da guerra entre a Áustria e a Itália.

Ela nasceu em Caoria, na província do Trento, no norte da Itália. Com seus pais, Izidoro Loss e Ângela Cazzar, e mais quatro irmãos, chegou ao Brasil em 1927, em um dos últimos navios que trouxeram imigrantes italianos para terras brasileiras.

A família partiu no navio Conte-verde, no Porto de Gênova, com

passagens de segunda classe, e veio acomodada no porão do navio. “Se abrissemos a escotilha quando o mar estivesse revolto a água atingiria nossos rostos. Eu era uma criança e me divertia com aquilo tudo”, contou emocionada.

Foram 25 dias de viagem e, para aliviar a tensão, eles cantavam músicas italianas.

O navio atracou em solo capixaba e a família seguiu para Santa Teresa, região serrana, onde morou por um tempo até se mudar para Córrego Moacir, que na época pertencia a Colatina.

A IMIGRANTE ITALIANA Dona Betina ao lado dos filhos Zenaide (azul), Pedro Alberto e Maria da Penha



CASA onde a imigrante morou na Itália